

LOUZEIRO: A CONSTRUÇÃO DE UMA MATA URBANA. CAMPINA GRANDE-PB- 1960-1990¹

Rozeane Albuquerque Lima²
Rafaella de Sousa Teles³

RESUMO

O Louzeiro, na década de 1960 um sítio de Campina Grande - PB adquiriu o status de floresta protegida em 1990. Esta pesquisa visou compreender quais as transformações ocorridas na construção imagético-discursiva que levou uma mancha verde de 60 hectares, localizada a 10 minutos do Centro da cidade, desconhecida da população, passar por essa transição. Para tal buscamos perceber como a paisagem e a identidade campinenses foram construídas dialogando com os discursos emergentes e as intencionalidades quando das apropriações destes. As fontes utilizadas foram a legislação vigente, entrevistas temáticas, mapas diversos, inventário de fauna e flora do local, vídeos e fotos disponibilizados na *internet*, o hino da cidade e o livro História de Campina Grande, de Elpídio de Almeida.

Palavras-chave: Paisagem, Identidade, Discurso.

Introdução

Este texto tem por objetivo analisar a codificação de um espaço: o Louzeiro, uma área de aproximadamente 60 hectares, localizada em Campina Grande-PB. Na verdade, nos propomos a escrever sobre as condições de possibilidade que transformaram o sítio Louzeiro em zona de proteção; sobre como um lugar que tinha suas práticas associadas a um sítio foi construído como uma mata urbana com vistas à preservação; sobre os discursos que alimentaram esta construção. Propomo-nos a analisar como, porque e quais as intencionalidades que estão envolvidas na invenção da “mata” do Louzeiro e como este espaço dialoga e interage, ou não, com a identidade que para Campina Grande foi construída ao longo da segunda metade do século XX.

O município de Campina Grande está situado no agreste paraibano, na parte oriental do planalto da Borborema, em uma área de transição entre a zona da mata, brejo e sertão. Faz parte do semiárido paraibano e apresenta uma média de precipitação pluviométrica de 800mm/ano. Localiza-se numa altitude média de 550 metros acima do nível do mar, a 130 km de distância da capital do estado e abrange uma área territorial de 594,182 Km². Atualmente, a

¹ Este trabalho integra a discussão feita na dissertação: *Louzeiro: a invenção de uma mata. 1960-2013. Campina Grande: espaço, paisagem e território*, defendida pela autora no PPGH-UFPG em março de 2014.

² Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; e-mail: rozeanelima@gmail.com.

³ Doutoranda no Doutorado Interinstitucional em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)/ Universidade Federal de Campina Grande (UFPG); e-mail: rafaellasousa@usp.br.

população urbana é de 367.209 e a rural 18.004. É a segunda cidade mais populosa do estado (IBGE, 2010).

Nas últimas décadas houve um crescimento significativo da população, especialmente na área urbana, alcançando uma média de 104% entre os anos 1970 a 2010. Esse crescimento reflete uma realidade nacional e está relacionado a um modelo de desenvolvimento urbano-industrial.

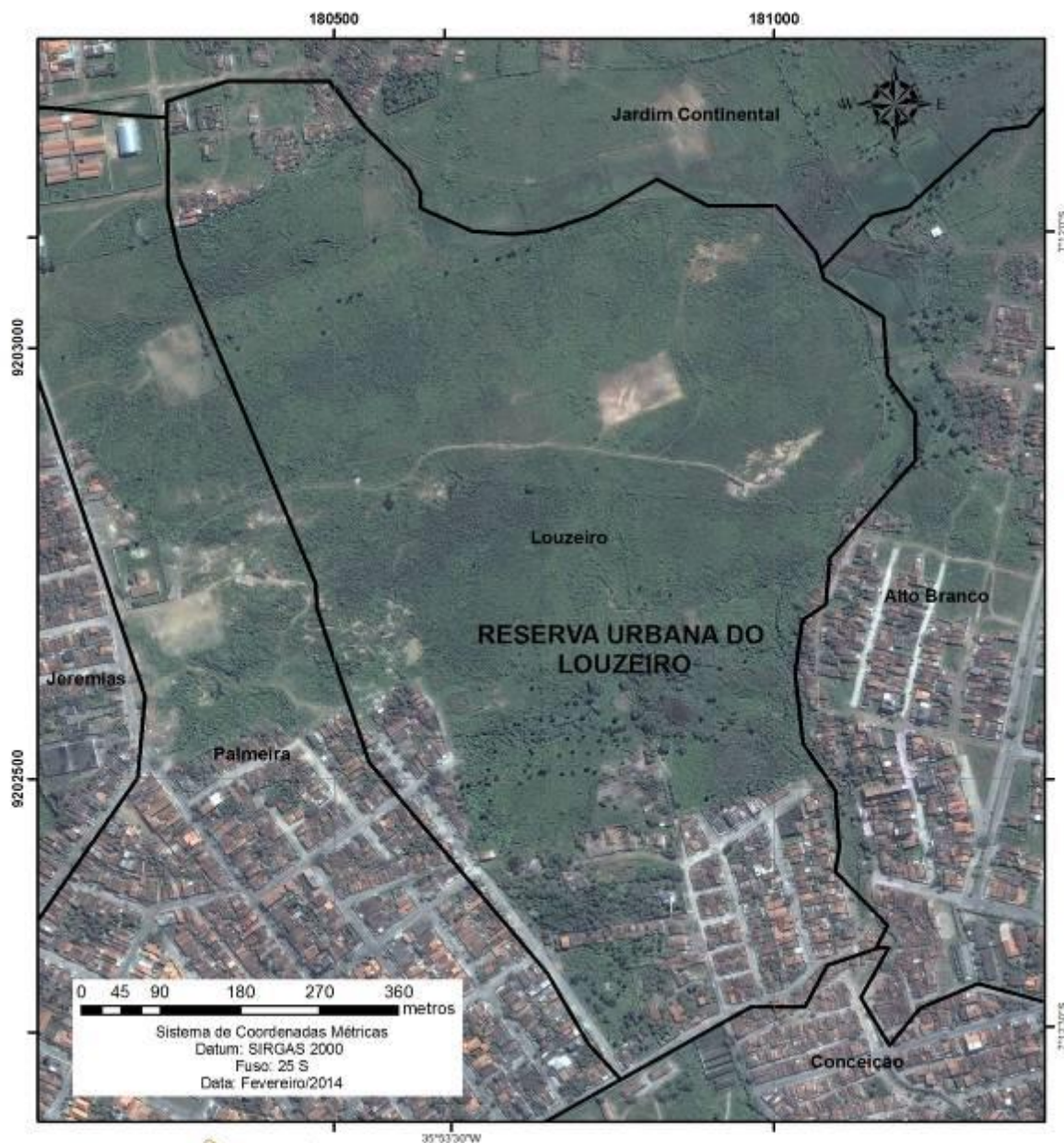
População 2010	385.213
Área da unidade territorial (km ²)	594,182
Densidade demográfica (hab/km ²)	648,31

Fonte IBGE, 2013

O Louzeiro é um espaço de 60 hectares, indicado pelo georeferenciamento na figura 01. Uma mancha verde, propriedade privada, cujos proprietários principais são João Ribeiro (aproximadamente 25 hectares), Severino Guedes (aproximadamente 08 hectares) e os herdeiros da família Biró (aproximadamente 17 hectares), localizado ao norte de Campina Grande, em uma transição periurbana, cuja altitude mínima é de 545 metros e a máxima 645 metros. Situado entre os bairros da Conceição, Jeremias, Rosa Mística, Alto Branco, Jenipapo, Cuités, Jardim Continental, Alto Branco e Palmeiras, é um bairro que recebeu o status de zona de proteção pela Lei Orgânica Municipal de Campina Grande, de 1990. Este espaço está sendo desapropriado pela Prefeitura Municipal da cidade com o objetivo de nele implantar o Jardim Botânico de Campina Grande- JBCG.

Figura 01

Georeferenciamento do Louzeiro - delimitação de bairro



**ZONA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL
DO BAIRRO DO LOUZEIRO**

	LABORATÓRIO DE ESTUDOS E GESTÃO EM ÁGUA E TERRITÓRIO - LEGAT/UFPB
MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE - PB	
Elaboração: Francisco Vilar de Araújo Segundo Neto	
Reserva Urbana do Louzeiro. Zona de Proteção Ambiental pela Lei Orgânica municipal	

Um dos fatores que tornam o Louzeiro um espaço passível de estudos é o fato de que nele estão localizadas algumas fontes de água que fluem para o riacho das Piabas, única fonte de água doce de Campina Grande. Considerando as análises de solo feitas na cidade e o mapa

de solos⁴, Campina Grande tem um solo, em geral, salinizado. No solo das margens do riacho das Piabas a salinidade é neutra, o que garante uma água doce de boa qualidade, como mencionado por Elpídio de Almeida em seu livro *História de Campina Grande*⁵. O Louzeiro se insere na bacia hidrográfica do riacho das Piabas, tendo o médio curso dele em seu espaço. Lima (2010), sobre os solos do riacho das Piabas e Louzeiro afirmou “a região possui a particularidade de ter solos Regosol, que diferem de grande parte dos solos do Município de Campina Grande, que apresentam solos Solonchets Solodizado, com alto teor de sódio o que deixa as águas com sabor salgado e amargo” (LIMA, 2010: 09).

O riacho das Piabas é a fonte que abastece o açude Velho, corpo hídrico construído para abastecer Campina Grande por causa da seca que o Norte enfrentou de 1824 a 1828. Sua construção foi concluída em 1830 e o manancial foi de grande importância para a cidade nas secas de 1845 e 1877. Atualmente o açude é um cartão postal e, juntamente com o Louzeiro e outros espaços, constitui zona de proteção da cidade. Assim, durante o século XIX e início do século XX, até a construção do açude de Bodocongó, em 1917, o riacho das Piabas era a principal fonte de abastecimento de água para a população da cidade.

Sobre o açude Velho é importante destacar que naquele espaço já havia uma lagoa abastecida pelo riacho das Piabas e cuja construção do açude apenas aumentou a capacidade de retenção com o barramento. A região do entorno do açude Velho já era conhecida como uma campina grande: uma planície com gramíneas, um alagado com capim em abundância e água doce. Brito, 2012, discorreu sobre estes fatos:

Campina Grande era um lugar perfeito para pouso de viajantes e negociantes por estar situado bem no meio do caminho que ligava o sertão ao litoral (Estrada Real do Sertão), em terras adequadas à cultura de vários cereais indispensáveis à vida dos colonos e junto a uma lagoa no remanso do Riacho das Piabas, que bem mais tarde viria a ser o Açude Velho. A evidência de que havia uma lagoa na povoação indígena de Campina Grande pode ser encontrada numa sesmária de 1781 onde menciona: “... até toparem com a lagôa das terras que foram dos índios da Missão da Campina Grande...” (TAVARES, 1982 p. 394) e na obra de Aires de Casal, editado em 1817, que ao tratar de Campina Grande, diz: “seus habitantes bebem duma lagoa contígua, a qual, faltando água nos anos de grande seca, os obriga a ir buscá-la ali a duas léguas” (CASAL, 1976 p. 276). Como sabemos, o Açude Velho só começou a ser construído em 1829 (...) (PINTO, 1977 p. 110) e, portanto, nada mais é do que paredes de retenção erguidas para aumentar a capacidade hídrica de uma lagoa, ou alagado, já existente no lugar (BRITO, 2012: 12).

Portanto, o nome da cidade: Campina Grande, como tantas outras cidades e estados brasileiros, a exemplo de Bahia, Alagoas, Recife entre outros, se relaciona diretamente com as

⁴ O mapa de solos de Campina Grande está disponível em uma publicação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, de 1972, que foi resultado de um levantamento exploratório, no site: <http://www.uep.cnps.embrapa.br/solos/index.php?link=pb> acesso em 03/05/2012.

⁵ ALMEIDA, Elpídio. *História de Campina Grande*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.

condições naturais do lugar no qual a cidade emergiu. Tentando descrever o espaço ao qual nos referimos e dialogando com o mito de origem de Campina Grande, Brito (2012) afirmou:

Chegando a uma imensa planície, coberta de gramíneas e plantas herbáceas, ou subarborescentes, os Ariú trazidos por Oliveira Ledo foram acomodados numa aldeia de índios Cariri que ali existia. Pois, a passagem “juntos aos Cararys, onde chamão a Campina Grande” deixa claro que um grupo de etnia Cariri já habitava àquela pradaria, e certamente eram Bultrins os senhores daquele agreste, que já deviam ser bem conhecidos do famoso capitão-mor (possuidor da fazenda Santa Rosa próximo dali), e muito possivelmente esta aldeia Bultrim já era bem frequentada pelos boiadeiros nesta época, pois o lugar já constava registrado num mapa publicado em Roma desde 1698, elaborado por Andreas Antonius Horatyi (BRITO, 2012:11).

A descrição acima dialoga diretamente com a arborização de Campina Grande: uma cidade cuja paisagem, analisada a partir de um vídeo que utiliza fotos do acervo do blog *Retalhos Históricos de Campina*, organizadas por décadas, desde 1910, por Carlos Magno Marcelo de Lacerda, e disponibilizado na Internet através do *Youtube* em 27/07/2013⁶: demonstra a existência de poucas árvores compondo o seu cenário urbano. Esta percepção é sentida em conversa com Bruno Vaz Diniz, consultor de projetos da Secretaria de Cultura, que, em entrevista, afirmou:

O que me vem à cabeça quando se fala em paisagismo urbano de Campina Grande é justamente que a cidade surge numa grande campina, ou seja, sua paisagem original era um grande descampado com vegetação basicamente rasteira e poucas manchas arborizadas. Quando as populações do Brasil foram abruptamente se urbanizando, a nossa cidade cresce em cima dessa realidade anterior. Ou seja, surge uma extensa mancha urbana com pouquíssimas árvores em seu interior. Some-se a isso a inexistência de preocupação com meio ambiente e ao modelo desenvolvimentista explorador que sempre ensinou a extrair os recursos naturais (inclusive as árvores) que tivéssemos disponíveis. Está aí o caldo que trouxe pra Campina a paisagem de uma cidade com tamanho déficit arbóreo (BRUNO, 2014).

Pensar em uma cidade que não era arborizada no momento anterior ao intenso êxodo rural da década de 1960 devido às suas características naturais; e pensar que este momento, o do milagre econômico, agravou o déficit arbóreo, o elevando a 700 mil árvores, auxilia na compreensão da necessidade de preservação do Louzeiro e de seu patrimônio ambiental.

No que se refere à cobertura vegetal do Louzeiro, Sousa, em 2009, fez um inventário de fauna e flora (anexo 02). No levantamento florístico do Louzeiro, identificou 109 espécies diferentes, tratando-se de vegetais que ocorrem em ecossistemas variados, o que reforça a classificação da zona como um ecótono, ou seja, uma transição, neste caso entre os biomas

⁶ CAMPINA GRANDE - PB - Homenagem a mais bela Cidade. Produção: Carlos Magno Marcelo de Lacerda. Campina Grande, 2013. 1 YouTube (14Min57s). Áudio: português.
<http://www.youtube.com/watch?v=aMFl3pXm1jg> (acesso em 04/11/2013).

Mata Atlântica e Caatinga, mas também indica a interferência humana, que modificou a vegetação nativa.

Uma outra percepção da avaliação dos representantes florísticos é o grande potencial vegetacional na área em estudo também poder ser destacadas, nesse sentido: espécies que são citadas como medicinais a exemplo da canela e jurema preta, frutíferas como coqueiro, pitangueira, jabuticabeira, entre outras, com potencial forrageiro como a maniçoba e a palma, e até ameaçadas de extinção como a baraúna e a aroeira que fazem parte da lista de extinção do IBAMA (SOUSA, 2011: 100).

O levantamento de espécies de fauna encontrou 61 espécies diferentes, dentre os quais poucos mamíferos. O autor do inventário acredita que estes sofreram mais com o antropismo por serem utilizados como fontes proteicas.

Hugo Vieira, engenheiro agrônomo e atualmente professor do IFPB, morador do entorno do Louzeiro até a década de 1990, se referindo às décadas de 1980 e 1990, em um de seus depoimentos, afirmou:

Havia remanescentes de mata de agreste. Nas duas áreas e nos arredores ainda havia muita fauna: pebas, raposa, guaxinim, codorniz, rolinhas, cobras, sagui... e, por isso, uma forte atividade de caça. A população circundante também fazia uso dessas áreas para retirada de muitas plantas “como medicinais” (cascas, folhas e raiz). E varas para cercas (HUGO VIEIRA, 2013).

A antropização é percebida no sentido de modificar a área para servir ao ser humano, tal qual uma propriedade rural. A introdução de espécies frutíferas e medicinais é um grande indício do uso do solo para atender às necessidades humanas de sobrevivência. Atualmente, a ausência de mamíferos, devido principalmente à caça para alimentação humana, como apontou Sousa, é outro indicador do tipo de relação que a população do entorno tem com o Louzeiro. Uma relação de exploração do local para atender às necessidades, sem se importar com o equilíbrio do ecossistema.

Este inventário está sendo atualizado com vistas à implantação de um jardim botânico na área do Louzeiro, no entanto os novos dados ainda não foram disponibilizados pelos pesquisadores responsáveis à Secretaria de Cultura de Campina Grande.

Abaixo, a foto tirada de dentro do Louzeiro, mostra a sua proximidade com a cidade. A mesma foi registrada no mês de junho, quando Campina Grande esfria e a Caatinga fica mais verde devido às chuvas de inverno. Em primeiro plano percebe-se a presença da vegetação típica da Caatinga, com suas árvores baixas e caminhos fechados.

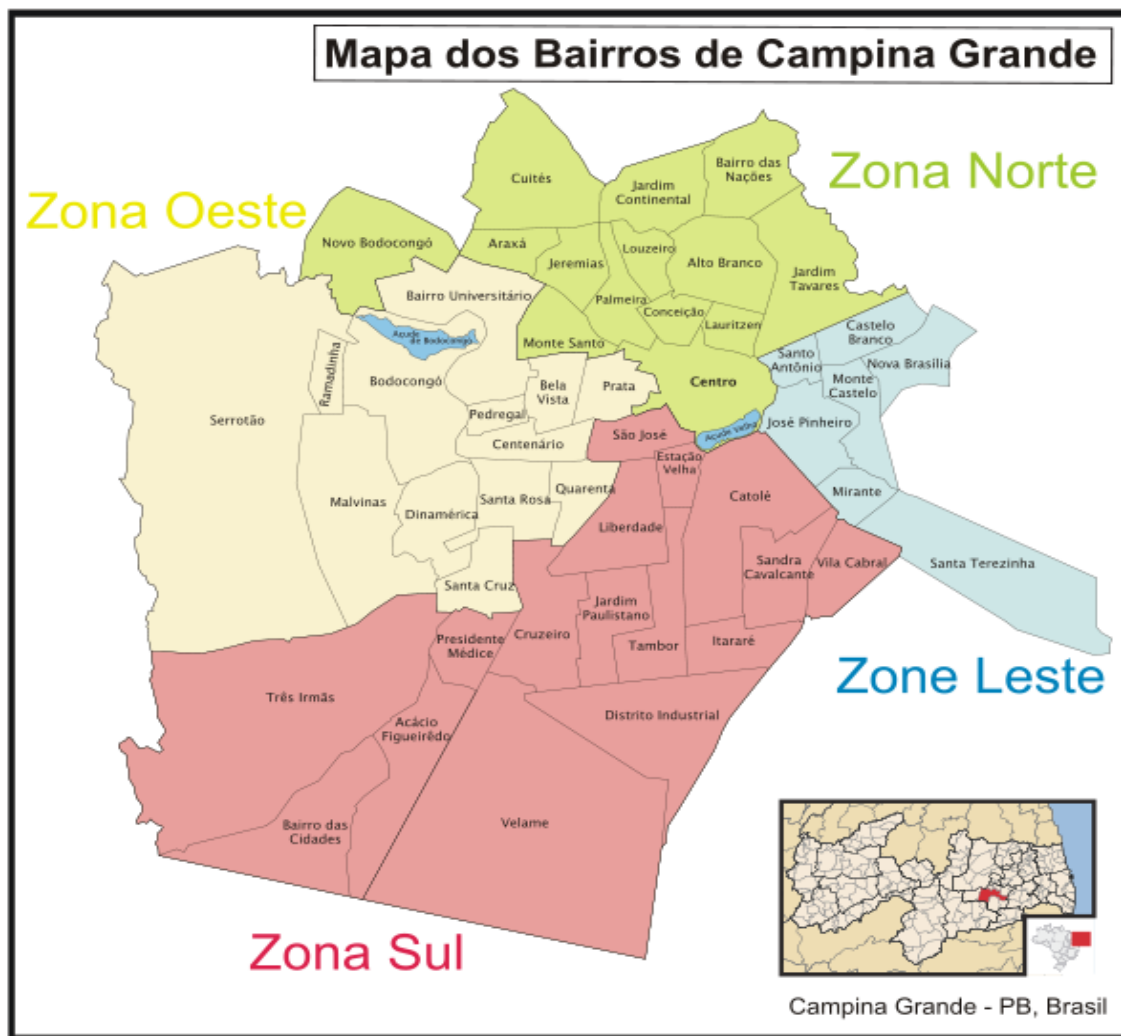
Figura 02



Foto: Vista de Campina Grande de dentro do Louzeiro. Autor: Cristian Costa, ano: 2012.

A imagem a seguir é um mapa dos bairros de Campina Grande. Nele temos uma melhor noção da localização do Louzeiro e de como este espaço verde é ilhado pelos demais bairros da zona norte da cidade.

Figura 03- Mapa dos Bairros de Campina Grande



Localização geográfica do Louzeiro⁷

O Louzeiro é estudado ao longo de suas transformações espaciais: anteriormente um sítio. Novamente nos utilizamos da fala do professor Hugo Vieira para estabelecer este marco, esta passagem do sítio para a cidade, segundo ele, a incorporação do espaço rural pelo urbano ocorreu:

...com o loteamento de áreas ao redor do Louzeiro, a partir da década de 60, progressivamente este fato foi se tornando mais forte, associando com os proprietários irem envelhecendo e seus filhos irem ocupando postos de trabalho fora da propriedade (comércio) (...) Havia uma pequena mata secundária e muita cerca viva no sítio de Sr. Biró, Já, no entanto, na área do Sr. João Ribeiro, havia produção e criação, mas também uma mata de agreste de grande porte e mais conservada. Com o tempo as duas propriedades foram sendo cada vez mais assediadas pela população, levando a uma enorme degradação ambiental, inclusive com ocupação de parte por sem tetos da região. Posteriormente a área do Sr. João Ribeiro foi desmatada para loteamento, meados dos anos 80 e início dos anos 90 (HUGO VIEIRA, 2013).

⁷Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Bairros_de_Campina_Grande.svg. Acesso em 16/09/2011

Na fala de Hugo, sente-se um pouco o saudosismo do sítio bucólico que ocupa sua memória, que foi se desconstruindo e se incorporando à cidade, perdendo pouco a pouco as características de zona rural e assumindo as feições de um bairro a partir da década de 1960, e que posteriormente, recebeu o status de zona de proteção ambiental pela Lei Orgânica Municipal de Campina Grande em 1990 e, por fim, em 2013, foi escolhido para abrigar o Jardim Botânico de Campina Grande-PB.

Em 1990, na época da instituição legal da zona de proteção, o prefeito da cidade era Cássio Cunha Lima, mas a preocupação com a paisagem de Campina Grande já se fazia sentir desde as gestões anteriores: gestão de Enivaldo Ribeiro (1977-1983) e gestão de Ronaldo Cunha Lima (1983-1989). Foi principalmente na década de 1980 que emergiu uma maior sensibilidade para com os temas ambientais na cidade. Refletindo sobre a construção da identidade campinense em diálogo com a natureza, avaliamos como importante menção ao governo de Evaldo Cruz (1973-1977) quando foi trocada a bandeira da cidade, instituído um brasão e feito um concurso para escolher a letra do hino de Campina Grande. Neste momento não havia uma consciência dos problemas ambientais da cidade, mas a natureza foi usada para construir uma identidade imagética de Campina através de alguns de seus símbolos.

Abaixo o artigo da referida Lei de 1990 que protege legalmente o Louzeiro de ações antrópicas degradantes:

- Artigo 269- Consideram-se áreas de preservação permanente, além das declaradas por lei:
- I- A cobertura vegetal que contribua para a estabilidade das encostas sujeitas à erosão e deslizamento;
 - II- As áreas que abriguem exemplares raros, ameaçados de extinção ou insuficientemente conhecidos da flora, fauna, e aqueles que sirvam como local de pouso, abrigo ou reprodução de espécie;
 - III- O Açude Velho, o Açude de Bodocongó, o Rio Bodocongó, Floresta do Louzeiro, Horto Municipal, Floresta de São José da Mata e Feira Central;
- Parágrafo Único- Não serão permitidas, nas áreas de preservação permanente, atividades que contribuam para a descaracterização, ou prejudiquem seus atributos e funções essenciais, excetuadas aquelas destinadas a recuperá-las e assegurar sua proteção mediante própria autorização dos órgãos municipais competentes (Lei Orgânica Municipal - 05 de abril de 1990).⁸

Por se tratar de uma área com uma densidade demográfica de menos de dois habitantes por quilômetro quadrado (IBGE 2000), percebe-se que o espaço se diferencia dos outros espaços de Campina, cuja densidade demográfica é de 648,31 hab/km².

⁸<http://www.sintabpb.com.br/wp-content/uploads/2010/04/LEI-ORG%C3%82NICA-DO-MUNIC%C3%8DPIO.pdf>- acesso em 13-03-2013.

A tabela abaixo evidencia alguns dados significativos para ilustrar o quanto o Louzeiro é desabitado:

Estatística	Valor
Escolas Municipais	00
Creches Municipais	00
Número de residências particulares	274
Número de residências particulares próprias	184

(Fonte: IBGE: 2000 e Secretaria de Planejamento de Campina Grande-PB 2002)

Considerações finais

Esse texto buscou mapear o percurso inventivo que na década de 1990, fez uma área rural de 60 hectares, passar por meio de lei orgânica da municipalidade de Campina Grande, ser entendida como mata preservada, mesmo que tal leitura jurídica tenha ficado mais entre pares que caído no conhecimento das demandas sociais. Sendo assim, esse texto se esforçou em contar parte da histórica estratégica que permitiu a invenção da mata urbana do Louzeiro, que envolve diretamente partes periféricas de nove bairros campinenses, alguns desses considerados nobres, enquanto um projeto influenciado por ecos de pautas ambientais, pretendia a construção de um Jardim Botânico na cidade, plano que até hoje não foi consolidado, mesmo diante da importância da região que serve de fonte de água doce e da riqueza do Écotono.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.

BRITO, Vanderley de. OLIVEIRA, Thomas Bruno. A missão catequética de Campina Grande: uma pseudmissão para dissimular o etnocídio nos sertões da Paraíba. In: **Tarariú**. Campina Grande, ano 3, vol 1, n. 4. Abr/mai 2012, p. 7-21. Disponível em: http://mhn.uepb.edu.br/revista_tarairiu/n4/TARAIRIU_N04.pdf. Acesso em 10/10/2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

LIMA, Vera Lúcia A.; SOUSA, Valdir Cesarino de; et al. Avaliação preliminar de impactos ambientais no entorno do Louzeiro e Riacho das Piabas–Campina Grande–PB. In: **Revista UEPB**. Campina Grande. 2010. Disponível em <http://revista.uepb.edu.br>. Acesso em 01/10/2011.

PÀDUA, José Augusto. Floresta da Tijuca: viagens pela História. In: **O Eco**. 2006. Disponível em <http://www.oeco.com.br/todos-os-colunistas/67-jose-augusto-padua>. Acesso em 13/09/2011

SOARES, José Luiz. **Dicionário etimológico e circunstanciado de biologia**. São Paulo: Scipione. 1993.

SOUZA, Veneziano Guedes de. **Diagnóstico e prognóstico socioeconômico e ambiental das nascentes do Riacho das Piabas (PB)** (Dissertação de Mestrado em Recursos Naturais). UFCG, 2010.

Videos:

CAMPINA GRANDE - PB - **Homenagem a mais bela Cidade**. Produção: Carlos Magno Marcelo de Lacerda. Campina Grande, 2013. 1 YouTube (14Min57s). Áudio: português. <http://www.youtube.com/watch?v=aMF13pXm1jg> . Acesso em 04/11/2013.

Entrevistas:

BRUNO VAZ. Bruno Vaz Diniz. [dezembro de 2013. Campina Grande: Secult, 2013.

HUGO VIEIRA. Hugo Vieira. [dezembro de 2013]. Campina Grande: UFCG, 2013.

RAMIRO PINTO. Ramiro Manoel Pinto Gomes Pereira. [janeiro de 2014]. Campina Grande: UFCG, 2014.

VENEZIANO GUEDES. Veneziano Guedes de Souza. [janeiro de 2014]. Campina Grande: UFCG, 2014.